

# ESTUDOS DA TRADUÇÃO E LINGÜÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL

*Eliza Mitiyo Morinaka\**

**RESUMO** — *Esse artigo tem como objetivo apresentar um panorama da interface entre os Estudos da Tradução e a Lingüística Sistêmico-Funcional partindo-se do conceito de (re)textualização, a escolha e a organização de significados já textualizados em uma língua para a outra. O que é textualizado é colocado em primeiro plano no discurso, que, por sua vez, é organizado através de escolhas de micro-componentes da léxico-gramática do eixo paradigmático de acordo com os objetivos e as necessidades de cada indivíduo. Um conceito semelhante ao de (re)textualização é o de agnação, a produção de ‘textos sombras’, ou seja, outros candidatos em potencial da língua fonte e alvo que não foram textualizados e que podem ser investigados no ambiente tradutório. Esses conceitos teóricos da Lingüística Sistêmico-Funcional são utilizados juntamente com suas ferramentas de análise para uma orientação descritiva e discursiva dos Estudos da Tradução.*

**PALAVRAS-CHAVE:** *Tradução. Lingüística Sistêmico-Funcional. Discurso.*

## INTRODUÇÃO

As pesquisas em Estudos da Tradução (ET) que seguiam a orientação lingüística até os anos 50 constituíam-se “geralmente em orientações pedagógicas. A maneira como se abordava a noção de significado e o que os tradutores tinham que realmente fazer era essencialmente simplista e desligada do contexto”<sup>1</sup> (BAKER, 2000, p. 20). Tal pensamento foi fortemen-

---

\*Prof. Auxiliar (DLA/UEFS). E-mail: eliza\_morinaka@yahoo.com.br  
Universidade Estadual de Feira de Santana – Dep. de Letras e Artes. Tel./Fax (75) 3224-8265 - Av. Transnordestina, S/N - Novo Horizonte - Feira de Santana/BA – CEP 44036-900. E-mail: dlat@uefs.br

te influenciado pelas teorias lingüísticas da época que se concentravam unicamente na *langue*. Uma das primeiras tentativas teóricas de se olhar além da *langue* aconteceu em 1965, com a teoria de tradução de Catford que teve como base os trabalhos iniciais de Halliday, o que proporcionou uma visão mais descritiva dos ET, diferente do caráter pedagógico e prescritivo das tentativas anteriores. Nos anos 80 e 90, de acordo com Hurtado-Albir (2001), o desenvolvimento da Linguística Textual e da Análise do Discurso contribuiu positivamente para o crescimento da disciplina, em particular nos anos 90, quando estudiosos começaram a tecer considerações mais teóricas sobre tradução, como veremos a seguir.

## UM NOVO HORIZONTE NA LINGÜÍSTICA – FUNÇÕES DA LINGUAGEM

A primeira proposta de Michael Halliday acerca das funções da linguagem foi publicada em um capítulo de Lyons (1970) intitulado “*Language Structures and Language Function*”. Em 1978, uma coletânea de seus ensaios foi publicada em um livro chamado *Language as Social Semiotic* e, finalmente, em 1985, sua teoria foi consolidada em *An introduction to Functional Grammar* (IFG)<sup>2</sup>. Ao refletir sobre as várias classificações das funções da linguagem propostas por outros teóricos, Halliday (1970, p. 15) comenta:

A palavra ‘função’ pode ser um sinônimo da palavra ‘uso’, então quando falamos de funções da linguagem nos referimos à maneira como as pessoas usam a linguagem ou suas linguagens, se elas têm mais de uma. De uma maneira geral, *peessoas fazem várias coisas com sua linguagem*, ou seja, elas esperam atingir uma variedade de objetivos através da fala e da escrita, e da compreensão oral e escrita (grifos meus).

O autor destaca, ainda, que os conceitos até então apresentados não passam de ‘conceitos estruturais em termos não

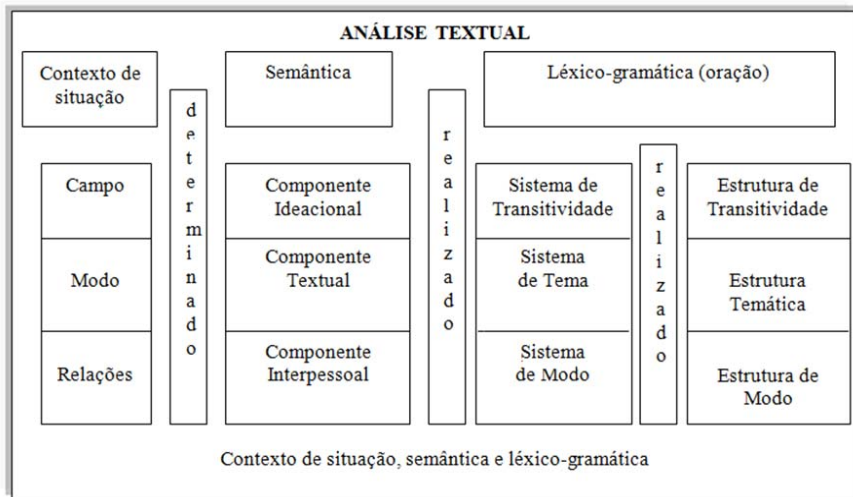
linguísticos' apresentados por teóricos que não eram linguistas. Malinowski, por exemplo, (1923) era antropólogo, Bühler (1934) psicólogo, Britton (1970) educador e Morris (1967) contrastava comportamento animal e humano. Cada qual se aproximava do objeto de acordo com suas áreas de estudos, e Halliday (1989, p. 17) como linguista afirma que:

para realizar as nossas investigações temos que ir um passo adiante, um passo que interprete a variação funcional não somente como uma variação no uso da linguagem, mas como algo que é *construído* como um *alicerce* para a organização da linguagem e particularmente para a *organização do sistema semântico* (grifos meus)

'Função' não é simplesmente uma variação no uso da linguagem, mas sim o alicerce para a evolução do sistema semântico, ou seja, constitui-se em uma propriedade fundamental da linguagem (HALLIDAY, 1978). As funções organizam a língua como um sistema e os componentes funcionais "servem como um canal pelo qual os sentidos subjacentes são projetados para o texto, via configurações semânticas que chamamos de registros" (*ibid*). Os componentes funcionais são usados pelos indivíduos a fim de realizar / concretizar o que ele chama de meta-funções:

- Função Ideacional: expressão do 'conteúdo' (significado + conteúdo) – a maneira como as pessoas estruturam e expressam a realidade que elas percebem (experiência dos falantes sobre o mundo);
- Função Interpessoal: expressão da 'ação' (significado + ação) – a maneira como as pessoas agem sobre a realidade que elas vêem (comentários, atitudes e avaliações sobre o mundo), e a maneira como elas estabelecem e mantêm relações sociais;
- Função Textual: expressão do 'contexto' (significado + contexto) – a maneira como as pessoas estruturam o conteúdo de uma maneira organizada e coerente de acordo com o Contexto de Situação (HALLIDAY, 1970, 1973, 1978, 1989 e 1994).

*An Introduction to Functional Grammar* é a consolidação do arcabouço teórico e das ferramentas necessárias para a análise de textos. Halliday descreve como as três meta-funções se realizam na estrutura da linguagem e na estrutura de uma oração (como unidade de análise). A figura abaixo mostra como cada meta-função é realizada em uma oração:



**Figura 1-** Contexto de situação, semântica e léxico-gramática.  
**Fonte:** Ventola, 1988; p. 57

De acordo com a figura,

(i) a Função Ideacional determina o Campo do discurso (o que é dito / escrito): refere-se à maneira como as pessoas estruturam e expressam a realidade que elas percebem. A Função Ideacional se realiza através do Sistema de Transitividade – através dos Processos, ou seja, dos verbos, de acordo com a denominação da gramática tradicional. Os Processos envolvem os atos que acontecem no mundo: acontecer, fazer, sentir, significar, ser e tornar-se. Na estrutura da linguagem a oração é vista como Representação;

(ii) a Função Interpessoal determina as Relações do discurso (como é dito / escrito): refere-se à maneira como as pessoas agem sobre a realidade percebida (comentários, atitudes e avaliações do mundo que as cercam) e à maneira como elas estabelecem e mantêm as relações sociais. A Função Interpessoal se realiza através do Sistema de Modo Oracional – através dos modais. Na estrutura da linguagem, a oração é vista como Troca.

(iii) a Função Textual determina o Modo do discurso (canal usado para a comunicação): refere-se à forma como as pessoas estruturam o conteúdo da mensagem de uma maneira organizada e coerente. A Função Textual se realiza através da Organização Temática no plano oracional, e através da Coesão localizada em torno da oração. Na estrutura da linguagem, a oração é vista como Mensagem (HALLIDAY, 1994).

A linguagem, a partir de uma perspectiva sistêmico-funcional, não tem uma orientação sintagmática, mas paradigmática, isto é, as ‘escolhas’ que são colocadas em primeiro plano em oposição às outras disponíveis no sistema revelam a forma como as pessoas usam a linguagem como expressão e interação. É uma gramática de escolhas. Quando falantes/escritores produzem um texto, as meta-funções mesclam-se à léxico-gramática da linguagem através do qual o significado é construído.

Os elementos da linguagem são interpretados: (i) em relação ao texto; (ii) em uma relação recíproca na qual o significado (semântica) é realizado pelas palavras (léxico-gramática) que, por sua vez, é realizada pelos sons (fonologia) ou pela escrita (grafologia); e (iii) em relação ao Contexto de Situação e ao Contexto de Cultura, pois eles influenciam as escolhas feitas dentre outras opções disponíveis no sistema linguístico para modelar e representar a realidade dos indivíduos (HALLIDAY, 1994).

A partir do momento em que esse conceito de funções da linguagem começou a ser investigado e aplicado no campo da linguística, teóricos afiliados aos ET começaram a explorar as perspectivas textuais e discursivas a fim de entender e explicar o fenômeno tradutório.

## ESTUDOS DA TRADUÇÃO E LINGÜÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL

Na segunda edição revisada de *An Introduction to Functional Grammar*, em 1994, o próprio linguista Halliday sinalizou que sua teoria poderia auxiliar no treinamento de tradutores e intérpretes. Inspirando-se nessa possibilidade, Vasconcellos (1997) explorou o conceito de (re)textualização<sup>3</sup> em sua tese de doutorado.

O foco de seu estudo foi a noção de linguagem como um sistema modelador, ou seja, o uso da linguagem como uma representação das maneiras como as pessoas experienciam e modelam o mundo. Vasconcellos primeiro traçou uma distinção entre a linguística intra-organismo e inter-organismo baseando-se nas concepções de Halliday. A primeira, o pensamento predominante da ‘linguística formal’, considera o ser humano como um organismo isolado e o seu conhecimento sobre a linguagem como o que provém desse próprio organismo. A última, o pensamento predominante da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), contextualiza o estudo da linguagem e seu uso dentro de uma sociedade. A aplicação prática dessas duas perspectivas em ET ocorre de duas formas: na concepção do intra-organismo, não são levadas em consideração o valor comunicativo das línguas utilizadas tanto nas línguas fonte como nas línguas alvo. Inversamente, a perspectiva do inter-organismo tem muito a oferecer, já que ela reconhece “as determinações sociais mais amplas de como o texto significa” (VASCONCELLOS, 1997, p. 25), na qual as informações sociolinguísticas e gramaticais são combinadas para determinar “como o texto significa [...] e como o texto se configura em termos léxico-gramaticais” (VASCONCELLOS, 1997, p. 25 e 26) – em uma integração das perspectivas macro e micro. Vasconcellos sustentou que o fenômeno tradutório poderia ser explicado pelo paradigma funcional. Valendo-se da definição de linguagem de Halliday como um sistema modelador, propôs uma versão expandida de seus interesses, incluindo textos traduzidos:

nosso interesse é no [conteúdo] que um determinado tradutor (re)textualizou, em contraste com o que outras pessoas textualizaram e o que ele poderia ter (re)textualizado – incluindo comparativamente, um contraste com outros conteúdos que ele mesmo (re)textualizou (VASCONCELLOS, 1997, p.35).

(Re)textualização, portanto, consiste na seleção e organização de significados já textualizados em uma língua de origem e as respectivas traduções em substância linguística na língua alvo (VASCONCELLOS, 1997, p. 35). O conceito de *escolha* é fundamental no processo de (re)textualização uma vez que essas *escolhas* são priorizadas em relação às outras opções disponíveis no sistema. Essas *escolhas* revelam um padrão emergente no texto traduzido. Ao analisá-los, é possível descrever o impacto que ele sofreu em relação ao texto original e à seleção de outras possibilidades no contexto da língua de chegada. Halliday desenvolveu a noção de equivalência na tradução, sugerindo uma orientação paradigmática. Equivalência é então definida em termos de significados contextuais, não de significados formais. São também consideradas como um grupo de equivalentes potenciais de um conjunto, segundo a perspectiva de funções da linguagem da LSF.

Mais recentemente, Matthiessen (2001) referiu-se à tradução em termos de “dimensões que organizam o complexo semiótico da linguagem em contexto” (MATTHIESSEN, 2001, p. 41), ou seja, a tradução é um processo semiótico que ocorre (i) entre os sistemas semióticos ou sistemas semióticos de outras ordens – quando o constructo de uma experiência como significado em um sistema de signos é traduzido para outros sistemas semióticos, como por exemplo, o sistema visual transformado em substância linguística; e (ii) dentro do próprio sistema semiótico – quando há uma reconstrução de um construto de significados de uma língua para outra. O conceito que mais chama a atenção em sua teoria é o de agnação.

## AGNAÇÃO

Aгнаção, de acordo com Matthiessen (2001), é a semelhança de algumas expressões no sistema multidimensional da linguagem. Por exemplo, duas expressões podem ser contextualmente, mas não semanticamente agnatas, como nos exemplos tirados de um guia de viagem em inglês:

### Exemplo 1. Oração Locativa Existencial

At the top of Blues Point Road **there is** a neat little sandstone church and vicarage, St Peters. (MATTHIESSEN, 2001, p. 82)

### Exemplo 2. Oração Não-locativa Existencial

Entry to the park is free during the week, but **there is** a small fee per car at weekends.

(MATTHIESSEN, 2001, p. 82)

Em ambos os exemplos, a expressão *there is* é contextualmente e léxico-gramaticalmente agnatas e é usada em orações Existenciais, porém, no exemplo 1, ela é utilizada em um sentido locativo, enquanto que, no exemplo 2, ela é não-locativa, portanto, não é semanticamente agnata ao uso do exemplo 1. O próximo exemplo é agnato ao exemplo 1 no sentido de ser locativo, ou seja, semanticamente agnatos:

### Exemplo 3. Oração Locativa Mental

Farther north on the right **can be seen** some of the buildings of the University of California, Los Angeles Campus. (MATTHIESSEN, 2001, p. 82)

No entanto, as expressões *there is* e *can be seen* não são léxico-gramaticalmente agnatas no que diz respeito ao tipo de Processo: *there is* é um Processo Existencial, e *can be seen* é um Processo Mental.

O conceito de agnação é relevante para a tradução porque

... qualquer expressão no texto fonte será agnato a inúmeras outras expressões definidas pelo potencial sistêmico da língua fonte, e todos esses agnatos são candidatos da língua fonte possíveis de tradução para a língua alvo, justamente por isso haverá também um conjunto de agnatos candidatos na língua alvo. (MATTHIESSEN, 2001, p. 83)

Como há inúmeras alternativas para uma determinada expressão na própria língua fonte, pode-se dizer o mesmo em relação à tradução dessa expressão para outras línguas, ou seja, há também inúmeras alternativas para essa mesma expressão na língua alvo. Essas ‘escolhas’ ou ‘agnatos’ na tradução podem modelar diferentes representações de textos. Matthiessen menciona que um desses agnatos poderia ser um melhor candidato do que aquele que foi realmente escolhido na tradução do texto e complementa:

Os agnatos constituem-se em *textos sombras* do texto alvo – textos que poderiam ter sido utilizados pelo fato de pertencerem ao potencial da língua – assim, esses textos sombras são também relevantes para a tradução. Justamente por isso, a tradução em si existe mediante esses textos sombras – alternativas possíveis de tradução definidas pelo potencial sistêmico da língua alvo. Dessa forma, a agnação no eixo paradigmático é uma parte crítica para o ambiente da tradução (MATTHIESSEN, 2001, p. 83).

Para contextualizar a agnação no ambiente tradutório, Matthiessen usa exemplos de um guia em espanhol traduzido para o inglês e o alemão. Ele conclui que a tradução em inglês tem poucas orações Existenciais como no exemplo a seguir:

#### Exemplo 4. Oração Existencial – tradução em inglês

In the Cathedral itself, **there is** the Chapel of Santa Lúcia, opposite the Archdeacon's Palace, which itself contains a Romanesque gallery with arches supported by 12<sup>th</sup> and 13<sup>th</sup> century columns.

A tradução em alemão tem menos orações Existenciais, no lugar delas existe a ocorrência de outros tipos de oração, principalmente orações Mentais, como no exemplo 5:

Exemplo 5. Oração Mental – tradução em alemão

In der Kathedrale selbst **kann man** die Kapelle Santa Llúcia (Heilige Luzie) **bewundern**, gegenüber dem Palast von l'Ardiaca (Erzdiakon). Heute noch **kann man** in Palast des Erzbischofs eine romanische Galerie mit Bogen sehen, die auf Säulen des XII. und XIII. Jh ruhen.

Back-translation

In the Cathedral itself, the Chapel Santa Llúcia (Holy Lucy), opposite the Archdeacon's Palace (arch deaconess), **we can admire**. Even today, a Romanesque Gallery with an arch built on columns from the 12<sup>th</sup> and 13<sup>th</sup> century AD **we can see** in the Palace.

Ele conclui que:

A língua inglesa e alemã tem um tipo de oração Existencial que tem valores sistêmicos diferentes em ambas as línguas como pode ser visto pelo fato delas terem um conjunto de agnatos diferentes e também por terem funções discursivas diferentes no registro de guias de viagem (MATTHIESSEN, 2001, p. 84).

O conceito de agnação proposto por Matthiessen nos remete ao que Vasconcellos teoriza sobre as escolhas que são colocadas em primeiro plano no texto traduzido mediante o texto fonte. Dependendo dos padrões que são priorizados no texto traduzido, diferenças ou semelhanças sistêmicas podem causar um impacto diferente na leitura de textos. No caso da tradução de literatura, por exemplo, um texto pode revelar percepções diferentes em relação ao perfil Ideacional que é responsável pela construção e representação da narrativa e dos personagens.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A utilização da teoria sistêmico-funcional em Estudos da Tradução é feita através da perspectiva da (re)textualização e da agnação. Significados que são escolhidos do eixo paradigmático e que são colocados em primeiro plano (textualizados) representam como as coisas e os fatos são percebidos dentro de um determinado sistema linguístico. Quando esses significados são traduzidos para outros sistemas linguísticos, os tradutores privilegiam alguns significados em detrimento de outros significados para a criação de uma representação no texto original e que, portanto, transforma-se em um potencial da linguagem. Uma teoria sistêmico-funcional facilita a descrição dessas diferenças ou semelhanças por oferecer ferramentas que permitem a aproximação dos diferentes sistemas linguísticos de várias perspectivas: de baixo, de cima, de lado, em torno e além da oração.

## TRANSLATION STUDIES AND SYSTEMIC FUNCTIONAL LINGUISTICS

**ABSTRACT** — *This paper aims at providing an overview of the interface between Translation Studies and Systemic Functional Linguistics focusing on the concept of (re)textualization, which consists in the selection and organization of meanings that have already been textualized in one language into another language. The meanings which are textualized are foregrounded in a discourse, which is organized through choices of micro-components in the lexico-grammar in the paradigmatic axis according to speakers' objectives and needs. A similar concept to (re)textualization is 'agnation', the production of 'shadow texts', meanings and a range of possible meanings in the source and target languages which were not textualized that can be investigated in a translational environment. These theoretical concepts of Systemic Functional Linguistics and its tools are used for a descriptive and discursive analysis and orientation to Translation Studies.*

**KEY WORDS:** *Translation. Sistemic Funcional Linguistics. Discourse.*

## NOTAS

- <sup>1</sup> Essa tradução, assim como todas as demais, foi feita por mim, pois não há edições disponíveis em português.
- <sup>2</sup> Reeditadas e atualizadas em 1994 e 2004
- <sup>3</sup> Proposto primeiramente por Coulthard em 1992 e desenvolvido posteriormente por Costa (1992), Vasconcellos (1991 e 1992) e Vasconcellos (1997) em suas teses de doutorado (PAGANO, 2007)

## REFERÊNCIAS

BAKER, Mona. (Ed.). Linguistic perspectives on translation. In: FRANCE, Peter (Ed.). **The Oxford guide to literature in English translation**. Oxford: OUP, 2000. p. 20-26 .

CATFORD, John. C. **A linguistic theory of translation: an essay in Applied Linguistics**. London: OUP, 1965.

HALLIDAY, Michael. A. K. Language structures and language function. In: LYONS, John (Ed.). **New Horizons in Linguistics**. Middlesex/New York: Penguin Books, 1970. p. 140-165.

\_\_\_\_\_. Linguistic function and literary style: an enquiry into the language of William Golding's *The Inheritors*. In: HALLIDAY, Michael. A. K. **Explorations in the functions of language**. London: Edward Arnold, 1973. p. 103-141.

\_\_\_\_\_. **Language as social semiotic** – the social interpretation of language and meaning. London: Edward Arnold, 1978.

\_\_\_\_\_. Functions of language. In: HALLIDAY, Michael. A. K; HASAN, Ruqaiya. **Language, context, and text: aspects of language in a social-semiotic perspective**. Oxford: OUP, 1989. p. 15-28.

\_\_\_\_\_. **An introduction to Functional Grammar**. United Kingdom: Edward Arnold, 1994.

HURTADO-ALBIR, Amparo. **Traducción y traductología**. Madrid: Cátedra, 2001.

MATTHIESSEN, Christian. M. I. M. The environments of translation. In: STEINER, Erich; YALLOP, Colin (Ed.). **Exploring translation and multilingual text production: beyond content**. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2001. p. 41-124.

MATTHIESSEN, Christian; HALLIDAY, Michael. Systemic functional grammar: a first step into the theory. In: HALIDAY, Michael & MATTHIESSEN, Christian (Eds.). **An introduction to Systemic Functional Grammar**. United Kingdom: Hodder Arnold, 2004.

PAGANO, Adriana. S. Abordagens sistêmicas da tradução. In: CALDAS-COULTHARD, Carmen; SCLIAR-CABRAL, Leonor. (Org.). **Desvendando discursos: conceitos básicos**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2007. p. 255-288 .

VASCONCELLOS, Maria Lúcia. **Retextualizing ‘Dubliners’**: a systemic functional approach to translation quality assesment. 1997. 273f. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1997.

VENTOLA, Eija. **The structure of social interaction**: systemic approach to the semiotics of service encounters. London: Frances Pinter, 1988.

*Recebido em: 16/08/2010*

*Aprovado em: 16/08/2010*